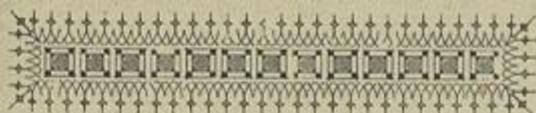


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 665	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	20 DE JUNHO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Este anno o popular taumaturgo, o nosso Santo Antonio de Lisboa, teve fogueiras a valer, que excederam todas as fogueirinhas que os rapazes e as raparigas costumam accender em seu louvor.

O incendio da fabrica de moagens do sr. Gomes, no Caramujo, occorrido nas vespuras do Santo, foi uma d'essas fogueiras, que em poucas horas reduziu a ruinas uma enorme fabrica, das primeiras do paiz.

Outro incendio foi o dos barracões juntos á Academia das Bellas-Artes, occorrido na propria noite do Santo, e que ameaçou devorar na voragem das chammas o edificio da Academia e uma das melhores propriedades de Lisboa, a casa dos srs. Iglecias, no largo da Bibliotheca.

Calor chama calor, mas bastava o do sol, que n'estes ultimos dias tem escaldado Lisboa, como se já estivessemos em agosto.

D'ahi o apressar a partida para o campo em busca da sombra das arvores, principiando a cidade a despovoar-se, e os comboios a entulharem-se de gente, que vae para as aguas, para o Bussaco, para o Estoril, para Cintra, para as estações de verão, emfim, deixando a Avenida ás moscas e os theatros aos ratos.

A maioria das casas de espectáculo fechou as suas portas e entre as que vão resistindo com alguma vantagem conta-se o theatro D. Amelia, que ainda reúne um maior numero de espectadores a ouvirem a sua companhia lyrica, onde realça um artista notavel, o tenor Morales, precedido de grande reputação.

Toda a imprensa de Hespanha e de Italia lhe tece os mais levantados elogios, e a plateia do D. Amelia teve occasião de avaliar quanto eram justos esses elogios, especialmente na *Carmen*, em que canta com inexcédível gosto e finura a romanza do 2.º acto e no final do 3.º o duetto com *Escamillo*, e em todo o ultimo acto, sendo um *Jose* magnifico.

Tem no seu repertorio, além da *Carmen*, os *Pagliacci*, *Lohengrin*, *Mefistófele*, *Mignon*, *Manon*, *Cavallaria Rusticana*, *Favorita*, *La Pellegrina*, *Gli Ugonotti*, *Traviata*, *Africana*, *I Pescatori de Perle*, *Der Freischütz*, etc.

Em todas estas operas tem alcançado applausos nos theatros de Hespanha e de Italia, onde as tem cantado. No Lyceu de Barcelona foi alvo das mais ruidosas manifestações, e um grupo de amigos e admiradores dedicou-lhe um folheto, em que recapitulou as apreciações da imprensa italiana e hespanhola, a respeito do festejado artista, nas differentes operas do seu repertorio.

Morales é patricio do mallogrado Gayarre e se não alcançou ainda a gloria que illuminou o seu compatriota, não lhe faltam qualidades para subir a essas imminencias da arte, pela sua excellente voz de tenor,

pelo seu irreprehensivel methodo de canto e pelo sentimento de artista, que é o de alma e coração.

Atravez d'este calor só um artista como Morales poderia ainda atrahir publico a uma sala de espectaculos, onde, emfim, só pelo amor da arte se pode suar durante duas ou tres horas.

Nós damos as boas vindas ao notavel artista e ficamos na esperança de que voltará a Lisboa, quando estas ardencias do estio se trocarem nos gelos do inverno.

Então terá mais abundante publico a applau-

dil-o e a enthusiasmar-se pela sua superior voz e bello talento.

O verão chega com o seu calor e com as suas festas populares e tradicionaes.

Não faltaram descantes e philarmonicas por essas ruas na noite de Santo Antonio, como tambem não faltou a navalha em acção, nas mãos de um selvagem sahido do meio da ralé, impossivel de espurgar das cidades, por mais esforços da policia para sequestrar estes sujeitos ao convívio social.



DR. THOMAZ DE CARVALHO — FALLECIDO EM 3 DO CORRENTE

(Cópia de uma photographia)



O TENOR MORALES

A navalha nas mãos d'esse selvagem fez as suas proezas na praça de D. Pedro, onde se reúnem, n'aquella noite, os bandos populares em alegres descantes e danças. Veio perturbar a alegria da festa, manchou a de sangue, fez uma morte, achou-se no seu elemento. A victima foi um rapaz carroceiro, bem comportado; o assassino um outro rapaz de 19 annos, um fadista, que se entregava mais á vida airada do que ao seu officio de caldeireiro, e que já tem um longo cadastro na policia e na Boa Hora.

Ha um dia n'este mez que hoje passa quasi como outro qualquer, e que em outros tempos era um dia extraordinariamente animado na cidade, em que toda a população vinha para a rua com as suas meliores gallas, e gente dos suburbios enchia Lisboa em grandes bandos, ostentando os seus trajos saloios de cores varias e vistosas, hoje quasi perdidos n'um arremedo de cidade, que lhes tirou todo o caracter.

Esse dia é a quinta feira de Corpo de Deus, com a sua procissão da cidade, que n'outras eras foi um cortejo luzido, com S. Jorge e o seu estado, a corte e o senado, com todas as classes da sociedade representadas, com danças e folgares, e as tropas a fazer lhe alas por todas as ruas do transito, em que se armavam de cortinados e sanefas de velludo e de damasco todas as portas e janelas, de cima abaixo dos predios, e tudo isto no meio de um concurso enorme de povo, pelas ruas, pelas janellas, pelos telhados, por toda a parte d'onde se podesse gosar o vistoso e opulento espectáculo, um mixto de religioso, de cavalleiresco e de popular, tão proprio de um povo catholico e cavalleiro, que pela religião e pela patria praticou os mais heroicos feitos.

Pois essa pagina viva da historia, que todos os annos se apresentava ao povo, como que a conservar-lhe bem vivo na alma a lembrança do seu passado glorioso, foi pouco a pouco apagando-a os governos com as successivas mutilações no aparatoso cortejo, até que ha meia duzia de annos quasi o suprimiram, reduzindo-o a uma sombra do que foi, a titulo de acabar com uma velharia ridicula, contra que meia duzia de livres pensadores se insurgiam.

Mas a nação é catholica e o rei fidelissimo e essa velharia, taxada de ridicula por alguns espiritos desnorreados, representa uma tradição honrada e gloriosa do povo que invocava o santo das suas batalhas S. Jorge, como em Hespanha S. Thiago.

É ao patrono d'um povo de cavalleiros que esse povo rende homenagem. Todo aquelle luzido estado tem historia que remonta as épocas da cavalleria. S. Jorge vem com o seu homem de guerra que lhe traz a armadura que os cavalleiros envergavam na occasião do combate; o pagem traz-lhe a lança; as chamadas basilicas da Sé eram as tendas de campanha; os cavallos de estado são a reserva para o combate. Todo aquelle luzido aparato representa o cortejo do grande senhor que armava gente sua para a guerra.

Se isto é ridiculo e se deve banir, muitas outras coisas ha realmente ridiculas hoje —, que nenhuma necessidade as justifica —, que já deviam ter desaparecido, como as feiras que ainda se fazem em Lisboa, e que são uns focos de desordens e bebedeiras, onde o povo se desmoralisa.

Agora todo esse luzido cortejo que foi, é uma sombra do passado, dissemos.

Tem razão. É que o presente envergonha-se de não saber corresponder a esse passado, e então é melhor não o recordar.

Pois não recordemos, deixemos essa tarefa aos pretinhos de S. Jorge, que todos os annos vem

com as suas vestes encarnadas e a sua musica enigmatica e melancolica como a das antigas batalhas, que não eram nada enguas, tocar defronte dos passos reaes, do senado e da arcada, a lembrarem que d'ahi a oito dias tem logar a grande solemnidade que foi.

Ainda são os unicos que se conservam fieis á tradição.

Não fecharemos a chronica sem saudar um amigo que se acha de visita em Lisboa. O sr. D. Francisco de Paula Flaquer, director e proprietario do *Album Ibero-Americano*, revista illustrada que ha annos se publica em Madrid.

Este nosso illustre amigo é um publicista distincto que tem occupado elevados cargos officiaes no paiz visinho, como o de governador da jurisdicção de Cardenas e Colon, na ilha de Cuba, cathedrico de philosophia da historia, na Havana, deputado ás côrtes e condecorado com varias ordens do seu paiz e do estrangeiro.

O sr. D. Francisco de Flaquer é d'um tracto extremamente agradável e tem pelo nosso paiz especial afeição, tendo sido ha pouco agraciado pelo governo portuguez com a commenda da Ordem de Christo.

D'aqui enviamos as nossas felicitações ao sr. D. Francisco de Flaquer nosso presado amigo e collega na imprensa, agradecendo ao mesmo tempo a sua estimada visita.

Lynce.



## AS NOSSAS GRAVURAS

DR. THOMAZ DE CARVALHO

A ultima vez que o vimos, fez agora um anno, foi na estação do caminho de ferro de Cintra, quando retiravamos a Lisboa, n'uma manhã de maio orvalhada do roscio matutino, que é de creença fazer a gente formozza. Elle assomando á portinhola da carroagem de 1.ª classe, comprava os jornaes do dia a um rapaz, evitando cautelosamente a orvalhada.

— Olhe que faz a gente formozza, caro doutor. — Já agora prefiro ficar feio a apanhar esta humidade, respondeu-nos elle, sempre com aquella graça inestinguivel.

É escondido n'um grande sobretudo, com a golla levantada, apenas se lhe viam os oculos proeminentes sobre o nariz de agua, e as pupilas lá no fundo a brilharem frouxamente atravez das lentes.

Disse-nos que estava muito doente, e bem o parecia, mas não deixava, como Latino Coelho, a sua adorada Cintra, o seu refugio de verão, quando Lisboa escaldava e se fecham os theatros e as grandes salas aristocratas onde Thomaz de Carvalho vivia no inverno.

É que de recordações elle deixa n'essas salas e nas plateias de D. Maria ou de S. Carlos, onde n'este ultimo, elle tinha, como Freitas Jacome, Julio Cezar Machado, José Horta Pinto Coelho e poucos mais, a sua cadeira permanente d'onde viu passar por aquelle palco as maiores celebridades artisticas do canto, desde a Albani e Tamberlik até á Darclee e Gayarre, nos ultimos tempos.

É elle tinha tanto o *dillectantismo* da arte como o da sciencia, ou melhor diriamos o das letras.

Se bem que principiase as seus estudos de medicina em Lisboa, sómente os concluiu em França doutorando-se na faculdade de Medicina de Paris. A sua convivencia entre francezes e na cidade mais polida da Europa, influio certamente no seu temperamento peninsular, como o confirmou em todos os actos da sua vida, ora disertando na Escola ou na Academia com a fluencia e a amenidade serena de um espirito fino e educado no grande tracto das sociedades mais cultas.

Foi republicano na idade em que todos o são, por isso deixou-se entusiasmar pela revolução franceza e assignou, com os mais estudantes, a mensagem ao governo de Lamartini Quem não se enthusiasmaria, quando em França despontava a segunda republica e em Portugal triumphava a Regeneração.

De volta a Portugal foi provido na cadeira de anatomia na Escola Medica de Lisboa.

As suas lições eram mais palestras litterarias que preleções scientificas pela amenidade da forma, sempre entermeadas de suas anedoctas

que alegravam o assumpto e o estudante, que nem por isso lucrava menos com a lição. Muitos ha ahi que bem se lembram d'isto e com saudade até.

Thomaz de Carvalho foi mais um theorico em medicina do que um pratico, pelo que ha uns trinta e cinco annos abandonara completamente a clinica que nunca exerceu em larga escala e que por fim lhe deu um dos maiores desgostos da sua vida, quando, por assim dizer, lhe morreu nas maos, um dos seus mais queridos amigos, José Estevão, o invicto orador gloria da tribuna portugueza.

Foi, por muitos annos, director da Escola Medica de Lisboa e enfermeiro-mór do Hospital de S. José. De um e outro logar se exonerou para vir exercer o de provedor da Misericordia de Lisboa. De lente da Escola Medica já ha muito que se havia jubilado.

Amando em extremo as letras, nem por isso o seu espolio litterario é numeroso, muito embora seja selecto. Dir-se-hia que o acompanhava o receto de ser superior á sua obra.

O dr. Souza Viterbo escrevendo de Thomaz de Carvalho, tambem manifesta esta opiniao e diz: «É possivel que seja excesso de modestia, receioso de não poder corresponder ao ideal que elle de si proprio conjecturasse. Esta modestia, elevada a um grao demasiadamente alto, é o justo e desculpavel orgulho dos homens que preferem ficar no silencio, se a sua voz não attinge as regiões inacessiveis que elles imaginaram».

O estudo da lingua patria mereceu-lhe especial attenção e com ella o latim, pelo que poucos o equalavam e ninguem o axcedia em purismo e classissismo.

Primeiro deixou o tracto do mundo, d'onde a doença o apartou, que o dos livros, que o acompanharam até aos ultimos momentos.

Foi já curtindo a doença que o victimou, que elle concluiu e deu á estampa a traducção do poema latino, *O bicho da seda*, de Jeronymo Vida. É seu um poemeto comico em favor dos cães, escripto em latim macarronico.

Este poemeto sahiu em volume sob o titulo *Congratulação dos Cães* dado a publico pelo sr. dr. Deslandes, precedido de uma biographia do auctor, pelo sr. dr. Souza Viterbo e acompanhado de uma traducção do sr. bispo de Bethsayda, uma carta humoristica de Eça de Queiroz, um engraçado folhetim de Latino Coelho, a quem Thomaz de Carvalho dedicou o poemeto e um formoso soneto de José de Souza Monteiro.

Tambem foi vertido em italiano pelo rev. Prospero Peragalio, com equal numero de versos.

Escreveu tambem um estudo sobre a morte de Jesus, que fez certa sensação. Uma memoria sobre o metacarpo, quando regia a cadeira de anatomia.

Fóra d'estas obras os seus escriptos encontram-se dispersos pela imprensa em jornaes e revistas de que nos lembram os seguintes: *Oração inaugural na abertura da Escola Medico-Cirurgica*, no 2.º vol. da *Semana*, revista em que Silva Tulio publicava tambem umas chronicas sob o pseudonymo de Barão do Alfenim; *Discurso inaugural da abertura da Escola Medico-Cirurgica* referente ao anno de 1859, e um artigo *Abaixo a roda dos expostos*, publicados na *Gazeta Medica de Lisboa*; *Noticia historica do hospital das Caldas da Rainha*, publicada no 1.º tomo dos *Annaes de Sciencias e Letras*. Collaborou no *Zacuto e na Patria* e foi redactor do *Atheneu* e da *Gazeta Medica de Lisboa*.

O dr. Thomaz de Carvalho nasceu na cidade do Porto, n'uma casa da rua Chã, a 21 de Dezembro de 1819. Ha quem supponha com algum fundamento que devia ter sido em 1816.

Na sua longa vida occupou os primeiros logares. Como medico foi professor e director da Escola Medico-Cirurgica e Enfermeiro-mór do Hospital de S. José. Como homem de letras foi socio effectivo da Academia Real das Sciencias e presidente eleito por mais d'uma vez, da primeira classe. Era vogal do Conselho Superior de Instrucção Publica e condecorado com a commenda de S. Thiago.

Na politica foi deputado em diversas legislaturas e por fim par do reino vitalicio.

Morreu provedor da Misericordia de Lisboa.

Deixou um testamento muito simples, em que léga ao seu amigo sr. Guilherme d'Almeida a sua quinta da Ribaldeira com a condição de velar pela irruã do testador, senhora avançada tambem em annos e doente. O remanescente de sua herança deixa-o á sr.ª D. Maria Lina Caldas Aulete, que é testamenteira com o sr. Camelier.

Este testamento estava em poder do sr. conselheiro Rodrigo de Souza que era amigo do finado.

## A EXPOSIÇÃO DO «GEMIO ARTISTICO»

Para um paiz que ha vinte annos mal sustentava os professores da sua Academia de Bellas-Artes, professores quasi sem discipulos, muito especialmente os das escolas de pintura e de escultura, é na verdade lisongeiro o progresso que tem realisado na arte, n'estes ultimos annos.

Tem sido um renascimento, como o foi nos fins do seculo passado, como no seculo XVI, o que nao quer dizer que, como no seculo XVI e XVII, este renascimento não esmoreça e se fine á mingua de incentivo e, peor do que isso, asseado pela critica apaixonada, onde tanto pôde dominar o espirito de desdenhar do que é de casa como a ociosidade e a ignorancia que se comprazem em criticar e desfazer nos que procuram trabalhar e distinguirem-se pelo merito proprio.

«Santos de casa não fazem milagres» e em parte alguma este proloquio tem tão justa applicação, como no nosso paiz.

E sestro incorregivel dizermos mal do que é nosso e quando os extranhos notam com elogio o que temos de bom, ficamos embasbacados, como que surpreendidos, e comentamos com um assombro tolo, que estrangeiros elogiem coisas que, ou reputavamos vulgares e somenos, ou por que nem sequer tinhamos ainda dado.

Ora com aquelle sestro e esta inconsciencia, que valor tem a critica, quer ella exalte quer deprima?

Deixemos-nos, pois de criticas infructiferas e irritantes, e apreciemos os factos pelos seus resultados praticos.

Não vae longe o tempo em que para proteger os poucos artistas que então havia, se organisou uma sociedade sob o titulo de *Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal*. Essa sociedade, que no principio teve um certo incremento, depressa se lhe foi apagando a chamma que a animava. Levantaram-se questões, diminuíram os socios, faltou a materia prima para exposições em periodos regulares, e para n'essas exposições se venderem quadros, era por meio de loteria com premios que sahiam aos socios e para os quaes premios os expositores fabricavam quadros accommodados ao valor dos ditos.

Isto estava na indole e nos costumes do paiz. A riffs, a loteriasinha sorria e depois, quadros só por bamburrio, que compral-os com o nosso dinheiro não estava no orçamento caseiro.

O estimulo que veiu d'estas exposições foi quasi nullo: o publico não se interessava por ellas, era apenas um negocio entre os expositores e os socios da *Sociedade Promotora*.

Morreu anemica.

Um novo renascimento se havia de operar, e operou-se com elementos modernos que entraram para a Academia. O fallecimento de professores antigos deu lugar a um renovo de professores modernos que vinham de completar a sua educação artistica, no estrangeiro, como Lupi, Silva Porto, Simões d'Almeida, Luiz Monteiro, Gaspar, etc.

Principiou a educar-se uma geração nova e com uma orientação nova tambem.

Os artistas d'esta escola formaram um grupo, tendo á sua frente Silva Porto, e porque estes artistas se reuniam no *Café Leão*, denominou-se *Grupo do Leão*.

Todos unidos accordaram em fazer uma exposição das suas obras e assim realisaram a primeira em 1882, nas salas da *Sociedade de Geographia*, ao tempo installada na rua do Alecrim.

Aquella primeira exposição foi animadora. Apareciam n'ella Silva Porto, professor da aula de paisagem, João Vaz, José Malhõa, H. Pinto, Gyraõ, e poucos mais, uns filhos da velha escola e outros discipulos da moderna.

O publico applaudiu a iniciativa e a novidade sobretudo, o que o levou a comprar alguns quadros.

A critica foi benevola; era uma coisa de rapazes, planeada n'um hotequim entre o bock e o café, sem pretensões e sem grandes ambições tambem; porque não se havia de applaudir?

No anno seguinte outra exposição com mais quadros e mais artistas. Resultado lisongeiro.

No 3.º anno já todos perguntavam pela exposição com certo interesse. Estava lançada e entrou em moda o comprar um quadrinho na exposição do *Grupo do Leão*.

A critica não destoava e as exposições foram succedendo-se annualmente e progredindo tambem.

Mas por uma d'aquellas contradicções tão vulgares nas coisas humanas, á proporção que o *Grupo* ganhava em seriedade, perdia em solidariedade, e ao cabo de uns sete annos dissolveu-se, formando-se então uma sociedade legalmente

constituída, com seus estatutos e regulamento, sob o titulo de *Gremio Artistico*.

\*  
\*  
\*

O *Gremio Artistico* inaugurou, por assim dizer, uma nova era para a Arte, em Portugal.

A sua influencia não se fez sentir só nas exposições, que de resto estavam lançadas, mas em muitas questões d'arte, em que a sua intervenção perante as estações officiaes tem sido de bom conselho para resolver.

A sua primeira exposição, em 1890, nas salas da Academia de Bellas Artes, concorreram quasi todos os artistas, porque o *Gremio* a todos abria as suas portas.

Na vanguarda o mallogrado Silva Porto, a dar alma á exposição.

Era o mestre.

Em volta d'elle todos os artistas se agrupavam, estudando-o, imitando-o, e progredindo.

A primeira exposição seguiram-se, em cada anno, outras e sempre crescendo em interesse e proventos, chegando a realisar-se vendas no valor de cinco a seis contos de réis.

A critica principiou a ser mais severa e por ultimo aggressiva. Alguns artistas resentiram-se e principiam a abandonar as exposições. A morte de Silva Porto, occorrida em 1893, foi uma grande perda para a Arte e nas exposições do *Gremio* sentiu-se logo a sua falta.

Entretanto os expositores não faltavam. As salas da Academia continuaram a encher-se de quadros dos discipulos e amadores e entre elles alguns de merecimento.

Era o resultado de 15 annos de cruzada em favor do renascimento da Arte.

As criticas podiam dizer o que quizessem, mas uma certa porção de publico tinha-se interessado pelas Bellas Artes, e muitos, voluntariamente, principiam a entregar-se ao estudo do desenho e da pintura, tendo por professores os artistas mais considerados. Atraz dos primeiros foram os segundos e mais. E espirito da raça portugueza, ou não se move ninguém ou o primeiro que dá um passo leva todos atraz de si. Dahi veiu a nossos maiores o fazerem tantas descobertas e conquistas.

Na exposição d'este anno é que mais se accentuou a falta de artistas, resultado certamente da critica desabrida com que as suas obras foram apreciadas nas ultimas exposições.

Entretanto a exposição, mais resumida que as precedentes, ainda contou uns cincoenta e cinco expositores que apresentaram 173 obras, entre quadros, aguarellas, desenhos, escultura e arte applicada.

Em o numero dos expositores figuram amadores distinctos, discipulos da Academia e de professores particulares, e muitas das suas obras foram premiadas com justiça.

Quem sabe se alguns d'esses amadores virão ainda a ser artistas consummados que illustrem o seu nome e honrem a Arte?

Os resultados praticos da iniciativa de ha 15 annos, são palpaveis, evidentes.

A critica dos zangãos pôde continuar a querer demolir, mas como a critica é facil e a arte difficil — vá lá o logar commum — os que trabalham sempre terão, pelo menos, a gloria de ter feito alguma coisa de util.

*Xylographo.*

## A Covilhã e a Industria dos Lanificios

III

(Continuado do n.º antecedente)

A fabrica de Alçada & Mousaco é a que se segue em importancia ás das duas firmas já apontadas.

Em 1878, a firma Alçada & Mousaco estabeleceu a sua fabrica de lanificios na ribeira da Carpinteira, para o que dispoz de 200:000\$000 réis de capital.

Os motores são: roda hydraulica e machina de vapor da força de 30 cavallos.

Possuia, em 1888, 60 teares manuaes, 3 teares mecanicos e 900 fusos.

Como accessorios, tem 6 machinas de cardar, 3 fiações, machina de fazer cordão, pisões, tesouras, urdideiras, prensa continua, mechanica, etc.

O seu pessoal ascendia a 244 individuos, sendo 137 homens, 52 mulheres e 55 rapazes.

As suas vendas orçavam por 90:000\$000 réis e consumia materias primas n'um valor approximado de 60:000\$000 réis.

A primeira vez que esta fabrica se apresentou em certamen publico, foi na exposição da Avenida (1888), expondo: casimiras de verão e de inverno, que mereceram notavel apreço.

Pelo *Inquerito Industrial* de 1890, podemos inferir as seguintes indicações acerca do capital d'esta importante fabrica:

O capital fixo era de 110:000\$000 réis e o circulante de 140:000\$000 réis.

O pessoal empregado dividia-se assim: mestres e contramestres 10, operarios 174, operarias 2, total 186.

Os salarios eram: aos aprendizes, de 80 a 300 réis; aos operarios, de 500 a 1\$000 réis.

O motor é constituído por 1 roda hydraulica da força de 50 cavallos e 2 machinas de vapor da força de 72 cavallos.

As materias primas empregadas no anno de 1889 foram as seguintes:

Lã 50:000 kilos, seda em fio 300 kilos, azeite 2:500 litros, oleina 3:500 litros, petroleo 3:000 litros, n'um total de 40:000\$000 réis.

A produção no mesmo anno foi de 60:000 metros, no valor de 59:700\$000 réis.

Em 1893, o pessoal subira a 147 homens, 58 mulheres e 43 menores, sendo o salario dos homens de 280 a 3\$000, das mulheres de 120 a 220 réis e dos menores de 100 a 220 réis.

A produção subira annual e gradualmente a 130:000\$000 e 140:000\$000 réis.

As materias primas attingem um valor de réis 70:000\$000.

Na exposição de Belem, apresentou esta fabrica magnificos productos, entre os quaes se salientavam: casimiras, moscov de côr, moscov B, flanelia preta, castorinas de côr.

E esta, pois, uma das fabricas mais florescentes da Covilhã.

A que se lhe segue é a da firma José de Paiva Catharro, na ribeira da Carpinteira.

Em 1889, o capital fixo era 40:000\$000 e o circulante de 50:000\$000 réis.

O pessoal existente era constituído por 4 mestres e contramestres, 74 operarios e aprendizes, e 16 operarias e aprendizes; vencendo os operarios de 600 a 1\$000 réis diarios, e os aprendizes de 60 a 240 réis.

Os motores consistiam n'uma roda hydraulica da força de 15 cavallos e n'uma locomovel da força de 25 cavallos de vapor.

As machinas especiaes e aparelhos, indicados pelo inquerito de 1890, são os seguintes:

1 hydro-extractor, 1 enxugadouro, 1 esfarrapadeira, 1 escolhedeira, 1 aparelho de retorcedeiras com 60 fusos, 4 urdideiras, 1 grudadouro, 2 caneliras, 2 teares mecanicos, 35 teares manuaes, 2 lavadeiras, 1 pisão, 2 perchas, 4 ramolas mecanicas, 2 tesouras longitudinaes, 1 escovadeira, 2 prensas, e 1 fogão.

As materias primas empregadas no anno de 1889, subiram á importancia de 36:400\$000 réis, assim dividida:

46:000 kilos de lã, azeite 500 litros, oleina 200 litros, petroleo 800 litros.

A produção n'esse mesmo anno fôra de 66:000 metros de tecidos de lã, no valor de 65:670\$000 réis.

Da fabrica de Antonio Nunes Sousa & F.ª, pouco podemos dizer, porquanto este estabelecimento, ainda que bem antigo e importante, a poucos certamens tem concorrido.

Apenas encontramos algumas indicações nas actas da commissão do inquerito de 1865 e nos mapps do inquerito de 1893.

Foi a fabrica fundada, em 1 de dezembro de 1853, pelo seu proprietario Antonio Nunes de Sousa Senior, na ribeira da Carpinteira.

N'essa epoca, o motor era hydraulico, como ainda hoje o é, em parte, procedendo da ribeira da Carpinteira, que como se sabe tem nascentes na Serra da Estrella.

Esta ribeira, em consequencia dos grandes roteamentos que constantemente se fazem na serra, cortando o matto que represa e conserva as aguas, desviando esse valioso elemento, tem diminuído consideravelmente.

A força d'esse motor era de 12 cavallos, e foi adquirido em dezembro de 1853 e maio de 1858.

Quanto ás materias primas que, no anno de 1865, empregava eram as seguintes:

27:300 kilogrammas de lã hespanhola, 54:600 de lã nacional, 600 de cochonilla, 1:440 de anil, 4:500 de pau campeche e amarello, e outras drogas de tinturaria, quasi todas vindas do estrangeiro.

O machinismo que a fabrica possuia, no referido anno de 1865, segundo consta de declaração de 22 de outubro, feita pelos proprietarios, compunha-se dos aparelhos e machinas seguintes:

3 apparatus, sendo 1 francez e 2 belgas, que

7.<sup>a</sup> Exposição do «Gremio Artistico»



A BARRELLA—Quadro de M.<sup>lle</sup> Zoé Wanthelet



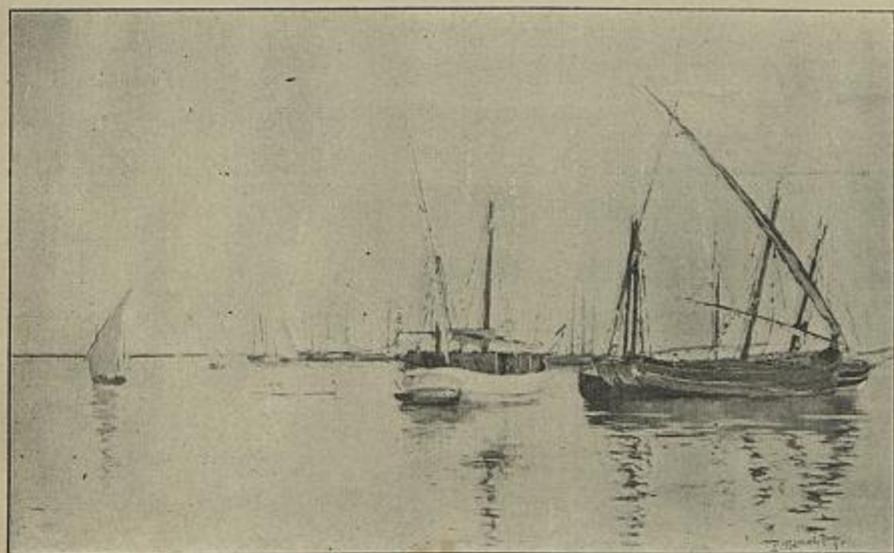
SOROR MARIANNA—Pastel da Sr.<sup>a</sup> Condessa do Alto Mearim



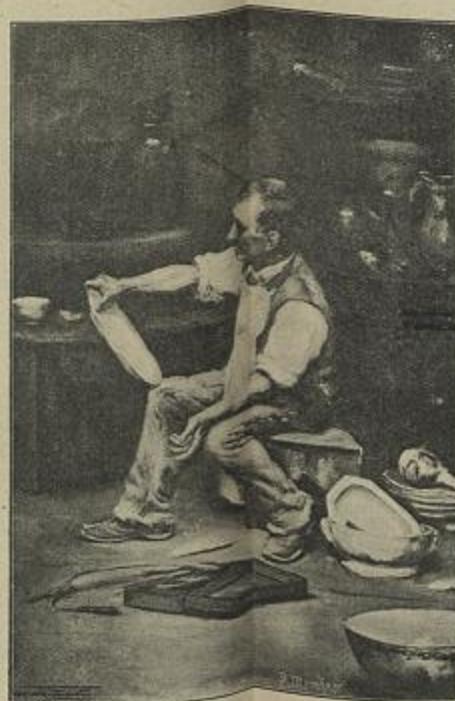
UMA CABEÇA DE ESTUDO—Quadro do sr. Galhardo



VICTOR WAGNER NO SEU ATELIER—Quadro da Sr.<sup>a</sup> D. Laura Sawinet Bandeira



PORTO DE FARO—Quadro do sr. João Vaz



UM CASO COMPLICADO—Quadro da Sr.<sup>a</sup> D. Virginia Santos



NA COSTA DE CAPARICA—Aquarella do sr. Roque Gameiro



A PASSAGEM DO COMBOIO—Quadro do sr. José Malhóia



MOINHOS À BEIRA-MAR—Quadro do sr. J. R. Christino



TERRAS DA AZOIA—Quadro do sr. Galhardo

eram formados, aquelle de 1 lobo e 1 carda, e estes de 1 escarduça (*tehardonneuse*), 2 cardas e 2 fiações, sendo 1 belga de 270 fusos, e outra ingleza de 310 fusos, 3 urdideiras e 2 teares de machineta e 4 teares com machinas de Jacquart, 5 teares pequenos de borlinas e casimiras, 20 teares grandes para fabricar baetas, castorinas, pannos e saragoças, 3 perchas, sendo 1 hespanhola e 2 inglesas, 3 tesouras, sendo 1 belga de correr e 2 inglesas de bancas, 1 escova ingleza e 1 a vapor para lustrar fazenda.

O numero de operarios que empregava subia a 206, assim dividido:

Sexo masculino, maiores .....	100
» » menores .....	53
» feminino, maiores .....	40
» » menores .....	13

Os salarios regulavam de 60 a 280 réis por dia. A produção annual orçava por umas 1:365 peças, sendo 400 de baeta de côres, 100 de castorinas, 200 de borlinas, 100 de saragoças, 200 de pannos de mescla de côres, 200 ditos tintos em peças de côres, 100 ditos de lã, 65 pannos regles de côres e casimiras de côres.

Como mercados de consumo são indicados Mangualde, Coimbra, Porto e Lisboa.

Em 1889, o capital fixo d'esta fabrica era computado na importancia de 70:000\$000, e o circulante em 40:000\$000 réis.

O pessoal n'um total de 55 operarios, ganhando de 100 a 700 réis diarios, mostra que a fabrica tem diminuido, não a laboração mas o numero de braços, attento o machinismo adquirido e movido a vapor.

Segundo o inquerito de 1890, os motores empregados eram: 2 rodas hydraulicas da força de 8 cavallos, e 1 locomovel da força de 12 cavallos, que moviam o seguinte machinismo bastante variado:

1 lavadouro, 1 enxugadouro, 1 esfarrapadeira, 1 variadeira, 1 escolheadeira, 1 lobo, 2 sortidos de cardas, 2 fiações com 2 aparelhos e 540 fusos; 1 retorcedeira com 1 aparelho e 40 fusos; 3 urdideiras, 1 grudadouro, 2 caneleiras, 12 teares manuaes, systema Jacquard, 16 teares manuaes, 1 lavadeira, 2 pisões, 2 perchas, 3 dornas e caldeiras, 7 ramolas mechanicas e ao ar livre, 2 tesouras longitudinaes, 1 escovadeira, 2 prensas, 1 fogão.

As materias primas empregadas no anno de 1889 subiram á importancia de 20:000\$000 réis, assim distribuida: lã 25:000 kilos, seda em fio 20 kilos, azeite 350 litros, petroleo 1:200 litros.

A produção, no mesmo anno, fora de 30:000 metros de tecidos de lã, no valor de 29:850\$000 réis.

A fundação da fabrica de Antonio Pessoa de Amorim remonta a 1800, pois que é a antiga fabrica real, situada na ribeira Degoldra, da qual aproveitou, em 1817, as aguas para um motor da força de 10 cavallos.

As materias primas que esta fabrica empregava em 1865 eram a lã hespanhola e portugueza e varias drogas para tinturaria de procedencia nacional e estrangeira.

As machinas eram doze: lobo, escarduça, cardas, apparatus, fiações, perchas e tesouras, importadas da Belgica e Inglaterra.

As operações do fabrico constavam da escolha da lã, lavar, cardar, fiar, tecer, apisoar, tingir e ultimar.

O pessoal empregado na fabrica era de 50 homens, 15 rapazes, 30 mulheres e 15 raparigas, n'um total de 110 operarios dos dois sexos. Os salarios dos homens regulavam entre 240 e 800 réis diarios, e os das mulheres e menores de 60 a 150 réis.

A produção attingia umas trinta qualidades de tecidos, sobresahindo como especial o panno para fardamentos. As diferentes fazendas fabricadas davam um total de 1:000 peças por anno.

Em 1889, o capital fixo era de 5:000\$000 réis e o circulante oscillava por 600\$000 réis; o pessoal baixara a 37, sendo 7 operarios do sexo masculino e o restante feminino. Em compensação o machinismo augmentara, constando n'esse anno, dos seguintes aparelhos e machinas, tendo por motor uma roda hydraulica da força de 7 cavallos:

1 pisão, 1 percha, 1 ramola, 1 tesoura longitudinal, 1 escovadeira, 1 entradeira, 2 prensas, 1 fogão.

A fabrica de José Rodrigues Rogeiro é situada na Ribeira da Carpinteira, e foi fundada em 1850 pelo mesmo proprietario.

Em 1888, empregava 30 homens, 22 mulheres e 12 creanças, ganhando os homens a 400 réis diarios, as mulheres e os rapazes a 140; dispunha de 16 teares manuaes, 6 mechanicos e 500 fusos. O

motor hydraulico e de vapor é mixto, e entre as machinas empregadas havia enroladora, torcedeira, tesouras, prensas, etc. As materias primas empregadas attingiram o valor annual de réis 30:000\$000. O capital fixo e circulante sobe a 120:000\$000 réis, e produz annualmente artefactos no valor de 40:000\$000 réis. Os mercados de consumo são Lisboa, Porto e Algarve.

Consultando o inquerito de 1890, vê-se que esta fabrica augmentou o seu machinismo e produção, como adeante indicamos.

Em 1888, esta fabrica apresentou na exposição da Avenida magnificos productos, sobresahindo entre elles: brixe liso e piloto, casimiras de verão, lã e seda, pannos de diversas cores e qualidades, pinhão, piloto, meltons, etc.

A lista das recompensas que tem merecido é deveras desvanecedora para o seu proprietario.

Em 1889, o capital fixo d'esta fabrica era de 50:000\$000 e o circulante de 70:000\$000 réis. O pessoal ascendia a 72 operarios do sexo masculino, ganhando de 120 a 400.

Quanto ao machinismo, segundo declara o inquerito de 1890, constava de 3 motores, sendo 2 rodas hydraulicas da força de 12 cavallos e uma machina de vapor fixa da força de 18 cavallos; as machinas e variados aparelhos eram as seguintes:

1 lavadouro, 1 hydro-extractor, 1 enxugadouro, 1 esfarrapadeira, 1 variadeira, 1 escolheadeira, 1 lobo, 2 sortidos de cardas, 3 aparelhos de fiações com 750 fusos, 1 aparelho de retorcedeiras com 80 fusos, 4 urdideiras, 1 grudadouro, 3 caneleiras, 7 teares mechanicos, 6 teares manuaes, 21 teares systema Jacquard, 2 lavadeiras, 2 perchas, 2 dornas e caldeiras, 2 pisões, 6 ramolas mechanicas, 2 tesouras longitudinaes, 1 escovadeira, 1 lustradeira, 5 prensas, 1 fogão, 1 aparelho de remendar cardas, 1 esmerilador, 1 torno mechanico.

Como se vê, pois, tem esta fabrica um machinismo variado e completo, que a colloca a par das mais importantes do seu genero.

Em 1889, as materias primas empregadas attingiram a importancia de 24:000\$000 réis; assim dividida: 30:000 kilos de lã, 70 de seda em fio, 208 litros de azeite, 3:000 litros de oleina, 1:820 de petroleo. A produção foi de 30:500 metros de tecidos de lã, no valor de 30:304\$500 réis, o que, comparando com os dados anteriores, mostra ter só n'um anno (1888-1889) esta fabrica progredido na razão de cerca de  $\frac{1}{3}$  da sua produção.

A fabrica dos srs. Sebastião da Costa Rato & Sobrinhos, na ribeira da Degoldra, dispõe, segundo o inquerito de 1890, de um capital circulante de 50:000\$000 réis, e fixo na importância de 40:000\$000 réis. Os operarios empregados eram em numero de 104, assim repartido:

2 contramestres, 84 operarios e aprendizes do sexo masculino, 18 operarias e aprendizes; os salarios variavam de 80 a 500 réis.

Em 1889, tinha já 2 motores: 1 roda hydraulica da força de 10 cavallos e uma locomovel de 30.

O machinismo é deveras importante, não só pelo seu numero como pela sua variedade.

Eis rapida enumeração: 1 lavadouro, 1 hydro-extractor, 1 enxugadouro, 1 esfarrapadeira, 1 variadeira, 1 escolheadeira, 1 lobo, 1 carduca, 3 sortidos de cardas, 3 fiações com 3 aparelhos e 660 fusos, 3 urdideiras, 1 grudadouro, 1 caneleira, 8 teares mechanicos, 2 teares mechanicos á Jacquard, 32 teares manuaes, 2 lavadeiras, 2 pisões cylindricos e de masseira, 3 perchas, 5 dornas e caldeiras, 4 ramolas mechanicas, 2 tesouras longitudinaes, 2 escovadeiras, 1 lustradeira, 2 prensas, 1 fogão, 2 macacos de força, 1 aparelho de remendar cardas, 1 esmeriladores, 1 torno mechanico.

As materias primas empregadas, no anno de 1889, foram na importancia de 24:000\$000 réis, assim distribuida: 30:000 kilos de lã, 20 de seda em fio, 2:000 litros de azeite, 1:500 de petroleo.

A produção, no mesmo anno, attingiu 40:000 metros de tecidos de lã, no valor de 39:800\$000 réis.

Na exposição de 1888, esta fabrica apresentou os seguintes productos: casimiras de cores; castorina xadrez de cores; flanelas preta e azul; meltons; pannos para fardamentos das seguintes cores: azul ferrete, castanho, setim mescla, e preto; pannos piloto, estambre, azul; e picotilho mescla.

(Continúa)

Esteves Pereira.

## AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

III

(Continuado do n.º 664.)

Ora aconteceu um dia, em que eu me estava a pentear, deitado na roda das suas saias e brincando com ella, que elle nos viu por acaso atravez as grades da janella e ouvi-o dizer: — que fôsse ás minas de Potosi procurar dinheiro e que entao nos nos casariamos. Retirou-se, e pouco depois chamou me, para que lhe dêsse as minhas contas, despediu-me, e eu retirei-me.

Achei-me, pois, mal parado e pouco a vontade. Marchavam entao para o Chili umas seis companhias.

Fui-me alistar como soldado n'uma d'ellas, e recebi logo duzentos e oitenta pezos de soldo. Diego Solarte, sabendo d'esta minha resolução, ficou muito contristado. Parece que elle não queria tanto. Offereceu-se-me para obter dos officiaes o mandarem riscar me do sol e para pagar o que eu recebera de adeantamentos. Não consenti n'isso, dizendo que a minha inclinação me levava a fazer a viagem e a ver mundo.

D'ahi a pouco, estava encorporado na companhia do capitão Gonzalo Rodriguez e, com seiscentos homens de tropa de que era Mestre de Campo Diego Oravo de Sarabia, parti de Lima para a cidade da Concepcion, que é distante cerca de umas quarenta leguas.

VI

Chegámos ao porto da Concepcion, depois de vinte dias de viagem. É uma cidade de soffivel aspecto, envaidecida com os titulos de Nobre e Leal. Tem um bispo. Fomos bem recebidos, visto a falta de gente que havia no Chili.

O governador Alonso de Ribeira mandou ordem para que desembarcassemos immediatamente, a qual foi trazida pelo seu secretario, o capitão Miguel de Erauso.

Ouvindo este nome, alegrei-me bastante pois logo percebi que era meu irmão. Eu nunca o tinha visto e por isso não o conhecia, porque elle fôra para as Indias quando eu apenas tinha dois annos; mas tinha noticias suas, embora ignorasse a terra em que vivia.

Tomando o rol do alistamento, começou elle perguntando a cada um dos soldados o seu nome e naturalidade.

Quando chegou a mim, e que eu lhe disse o meu nome e patria, largou a penna, abraçou-me effusivamente e fez-me grande numero de perguntas ácerca de seu pae, mãe, irmãs e especialmente por sua irmã mais nova Catalina, que era freira.

Respondi como pude, sem me denunciar e sem que elle tivesse a menor suspeita de cousa alguma.

Continuou confrontando o alistamento, e, ao acabar, levou-me para a sua casa afim de jantar com elle. Sentei-me á mesa.

Disse-me elle que o presidio de Paicabi era triste habitação para soldados e que fallaria ao governador para me mudar de guarnição. Depois de jantar, conduziu-me a casa do governador e, tendo-lhe feito o seu relatório sobre a chegada da tropa, pediu-me o favor de lhe deixar ficar na sua companhia um dos recém-chegados rapaz da sua terra, o unico que tinha visto, desde que sahira da sua patria.

O governador mandou-me entrar e, vendo-me, não sei porquê, respondeu que não podia consentir na transferencia solicitada. Meu irmão, sentindo-se escandalizado, sahio logo.

Um momento depois, o governador chamou-o e disse-lhe que fizesse como era de sua vontade.

Partiram, pois, as companhias, e eu fiquei com meu irmão, como seu soldado, comendo á sua meza, durante quasi tres annos sem que elle tivesse a menor suspeita ácerca do nosso parentesco.

Algumas vezes, acompanhava-o a casa de uma amante que elle tinha, e outras ia lá eu sózinho. Veiu elle a saber o, teve ciúmes e prohibiu-me de tornar a pôr os pés em casa da sua querida. Havendo-me espreitado, surprehendeu-me em flagrante, isto é, quando eu saia. Como já estava á minha espera, cahiu sobre mim, batendo-me com a correia do cinturão e, chegando a ferir-me.

Forçoso foi defender-me. Ao ruido, acudiu o capitão Francisco de Aillon que nos conciliou. Mas não quiz entrar em San Francisco, com medo do Governador que era muito rispido. Bem o mostrou n'esta occasião. Meu irmão ainda interce-

deu por mim, mas fui exilado para Paicabi, onde permaneci tres annos.

Tive pois que ir para Paicab, e passar lá miseravelmente esses tres annos, tendo antes vivido alegre e feliz. Estavamos sempre com as armas na mão, por causa das grandes invasões dos indios que por lá havia.

Finalmente, chegou o governador Alonso de Sarrabia com todas as companhias do Chili. Juntámo-nos a elle, e alojámo-nos, em numero superior a cinco mil homens, não sem incommodos, nas planicies de Valdivia, um grande campo todo raso.

Os indios atacaram e destruíram a citada povoação de Valdivia. Sahimos-lhes ao encontro e, em tres ou quatro batalhas que tivémos, sempre os desafiámos causando-lhes grandes perdas. Mas quasi no fim do negocio, tendo-lhes chegado grandes reforços, as cousas tomaram má feição para nós. Mataram-nos muita gente, alguns capitães e o meu alferes a quem roubaram a bandeira.

Vendo-os fugir com ella, lançámo-nos, eu e outros cavalleiros, em perseguição dos roubadores, pelo meio da multidão, calcando, ferindo e recebendo grandes golpes. Bem dep' essa um de nós tres cahiu morto pela violencia da luta. Não nos detivémos, proseguimos ávante e lográmos attingir o que levava a bandeira. O meu companheiro foi derribado com um golpe de lança. Recebi uma grande pancada n'uma perna e matei o cacique que nos arrebatara a bandeira e títela; voltei o cavallo, e passando por cima dos cadáveres, matando e ferindo com incrível sanha, conseguí, no meio da accessa peleja, abrir caminho, mas já muito mal ferido, atravessado por tres frechadas e com uma lançada no hombro esquerdo que me doía cruelmente.

Emfim cheguei até junto da nossa gente e deixei-me cair do cavallo.

Accorreram alguns e, entre elles, meu irmão que eu não tornara a ver. Isto foi para mim um reconforto. Curaram-me e ficámos alojados allí.

Do fim de nove mezes, meu irmão obteve-me do governador a bandeira que eu tinha ganho e fiquei sendo alferes da companhia de D. Alonso Moreno.

Pouco tempo depois, esta companhia foi dada a D. Gonçalo Rodríguez, meu primeiro capitão.

Achei-me muito á minha vontade.

Fui cinco annos alferes.

Achava-me na batalha de Puren, na qual morreu o meu já referido capitão, e commandava a companhia havia perto de seis mezes, durante os quaes tive, não sem receber diversas feridas de frechadas, varios recontros com o inimigo.

N'um d'esses combates, luctei com um chefe indio, já christão, chamado Francisco Guispi-guancha, homem rico, que nos inquietara bastante com diversas sortidas.

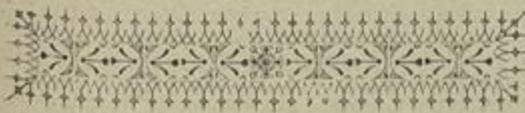
Batalhando com elle, conseguí apeial o e, rendendo-se a mim, fil-o immediatamente pendurar n'uma arvore.

O governador, que desejava tel-o vivo, ficou muito magoado por este acto de justiça summaria, e disse-me que não fôra para isto que me dera a companhia, e transferiu-a para o commando do capitão Casadevante, reformando-me e promovendo-a para a primeira occasião.

As tropas retiraram-se, cada companhia recolheu á sua guarnição, e eu passei para Nascimento, terra que de bom só tinha o nome, pois que para o habitante d'ella se tornava uma verdadeira morte.

(Continua)

Esteves Pereira.



## NOVIDADES DA SCIENCIA

O «CERAMO-CRYSTAL» OU PEDRA CERAMICA  
—NOVO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Consideradas as industrias como a parte util da sciencia, é deveras interessante qualquer applicação pratica das theorias scientificas, produzindo um invento industrial de relativa importancia.

O producto de que tratamos, encarado como materia prima, está destinado a um largo successo.

Como se sabe, a desvitrificação do vidro, é, desde ha muito, assumpto de investigações e estudos dos mais illustres sabios francezes.

Reáumur, J. B. Dumas, Pelouze, d'Arcet, Apdest, etc., e muitos outros que deixaremos de ci-

tar para não nos darmos modos de erudito em... nomes, os quaes, por sua vez, teem successivamente estudado este curiosissimo phenomeno.

De entre elles, é justo especialisar Réaumur e d'Arcet, que teem envidado os maiores esforços para transformar o seu laboratorio em officina e desvitrificar o vidro industrialmente.

É geralmente sabido que, todos os vidros, são susceptíveis de perder a sua transparencia e de se transformarem n'uma substancia semelhante a uma pasta ceramica e muito especialmente a da porcelana, quando se fazem passar d'uma maneira lenta do estado liquido ao estado solido, e restringindo-os completamente, ou ainda reaquecendo-os até uma temperatura muito proxima da do ponto de fusão.

Foi este segundo processo o uzado por Réaumur e seus seguidores que, tomando os objectos de vidro os dispunham em caixas, envolvendo-os em areia, gesso, cal em pó ou outra qualquer materia refractaria, submettendo depois as caixas n'um forno a uma alta temperatura, onde as deixavam durante um espaço de tempo de quarenta e oito a noventa e seis horas, segundo a natureza do vidro empregado.

A temperatura do forno devia ser calculada de maneira a produzir um fraco amolecimento do vidro, mas este amolecimento provocava as mais das vezes uma deformação dos objectos, resultando um prejuizo consideravel. Além d'isso, o custo era muito elevado, em consequencia do longo aquecimento que se tornava necessario; emfim, só o vidro novo, já trabalhando e representando portanto uma mão d'obra já de si cara, podia ser utilisado.

Estas circumstancias explicam perfeitamente o insuccesso de Réaumur e dos seus imitadores.

Porquê, dirá o leitor, se não tentou experimentar um outro meio, desvitrificando primeiramente o vidro e trabalhando-o em seguida? Caso curioso, ha apenas dez annos que o primeiro, o inventor, do «ceramo-crystal» fez n'este sentido algumas tentativas coroadas de bom exito. Tendo durante muito tempo dirigido diversos estabelecimentos ceramicos e vidrarias, M. Garchey foi levado ao descobrimento do methodo que em vão tinham procurado achar tantos sabios e, depois de longas hesitações e d'um constante aperfeiçoamento dos seus processos, chegou a crear um producto definitivo a que está reservado o maior futuro.

Os vidros que se desvitrificam mais facilmente são os que conteem em excesso bases terrosas, taes como a cal, a alumina e a magnesia; os vidros para as vidraças e especialmente os vidros para garrafas, estão n'este caso. É dizer que ha a inapreciavel vantagem de que a materia primeira não vale quasi nada e que as garrafas partidas e outros restos de vidros quebrados se encontram, abundantemente, em quantidade illimitada.

A fabricaçào é das mais interessantes e, em certos pontos, completamente distincta dos processos empregados até hoje na industria vidreira.

Depois de se ter lavado os cacos das garrafas partidas, por exemplo, reduzem-se a pó, lançando-os n'um moinho de galga; a fim de obter separado o vidro em pó o grão mais grosso e o de mais fino faz-se passar por umas peneiras especies giratorias.

Depois da separaçào dos pós de vidro com grão de tamanho differente, são estes deitados em moldes e se submettem durante uma hora a aquecimento n'um forno: a acção d'este primeiro forno é aquecer progressivamente a materia, de fórma que todas as suas partes sejam tanto quanto possivel desvitrificadas igualmente. As molleculeas do vidro apresentam-se assim em tão extrema visibilidade em virtude da sua pulverisação; sofrem isoladamente a acção desvitrificante do calor, e isto muito rapido, porque em cada uma d'ellas se realisa o phenomeno separadamente. Ao mesmo tempo, as molleculeas amolecem e forma-se logo uma materia pastosa e assaz consistente.

Introduzem-se então os moldes n'um forno levado á temperatura de 1:250 graus, dentro do qual se deixam permanecer apenas alguns minutos.

Esta segunda operação tem por fim sobretudo completar a desvitrificação das molleculeas do vidro que houvessem escapado a este phenomeno e de tornar a pasta obtida tão maleavel que possa ser facilmente estampada.

É n'este momento que se collocam sob a prensa hydraulica o molde e a matriz contendo a pasta incandescente, e pela compressão se obtem o molde da materia vitrea. Esta operação de estampagem tem acima de tudo a propriedade de arrefecer o objecto fabricado e de lhe dar a sufficiente consistencia para que nenhuma deformação futura se possa dar.

Emfim, para que a passagem d'esta temperatura de 1:250 graus á temperatura normal não seja muito rapida e brusca, mettem-se outra vez os moldes dentro de um forno de arrefecimento durante um certo tempo: Depois d'isto não ha nada mais a fazer do que retirar o objecto fabricado de dentro do molde de ferro; está prompto para servir de ornato, apto a decorar os nossos futuros monumentos e as nossas habitações de amanhã. Nasceu, pois a pedra ceramica.

Qual é o aspecto do novo producto, tão engenhosamente fabricado? — É' extremamente variavel. Assim, se o pó de vidro fôr de grão mais ou menos fino, a pedra ceramica assemelhar-se-ha a tal ou tal pedra branca, como a da Batalha; se fôr de grão grosso parecer-se-ha com o granito do Porto, attingindo até o aspecto negro do basalto das pedreiras de Alcantara, imitando, se isso se tiver em vista, a pedra de cantaria, o cimento e os marmores mais homogeneos.

Uma nota curiosa: a proveniencia das garrafas influe tambem consideravelmente sobre o producto obtido, assim como as garrafas das aguas de Vichy não dão o mesmo «ceramo-crystal» que as de outras aguas; a garrafa de Chartreuse, de Champagne, tornam-se em bellas pedras de caracter proprio, e talvez venha um dia em que um medico gracejador ordene aos seus doentes sofrendo do figado morarem em casas construidas com cacos de garrafas de agua de Vichy.

Se a pedra ceramica não tem esta virtude miraculosa de curar todos os males, ella tem, pelo menos, as mais notaveis qualidades hygienicas e offerece garantias de solidez e duração como só o marmore pôde dar.

É, effectivamente, inalteravel em absoluto ás intemperies e á acção dos acidos; a agua não a penetra, e, por todos estes motivos e pontos de vista, o seu emprego será particularmente muito apreciavel nos hospitaes e nas salas de operações, pois que pôde supportar as lavagens antisepticas, as mais frequentes sem se alterar. Além d'isso, o sendo o vidro mau conductor do frio e do calor, as habitações revestidas exteriormente de pedra ceramica, serão quentes no inverno e frescas no estio. Não será isto a realisacção d'um sonho que hontem ainda, se nos teria affigurado absolutamente irrealisavel?

O novo producto é especialmente destinado a ser utilisado como revestimento. A face interna é rugosa, o que torna o sellamento mais facil e mais solido, tão solido que será de balde o tentar-se quebrar com um camartello; a pedra ceramica fica com a móssa da pancada, mas nenhuma fenda se produzirá. Sobre as pedras de cantaria já o fazer-se esta experiencia seria imprudente, porque muitas vezes até basta a geada para as quebrar. A pedra ceramica é de tal modo dura, que para a trabalhar e para lhe fazer o menor furo é preciso empregar instrumentos temperados em mercurio.

Ainda um ultimo ponto que não é decerto o menos attendivel e interessante: é a barateza excepcional do producto.

É isto bem se deve comprehender, lembrando que a materia prima se compõe dos restos dos cacos de garrafas e outros vidros, que nunca poderão custar alto preço.

Recapitulemos: a inalterabilidade da pedra ceramica, a variedade infinita dos seus typos tanto no ponto de vista do grão como da cor, vantagens da fundição obtidas com um producto similar ao da pedra, sua barateza extrema, eis as qualidades principaes do novo e precioso material de construcção de que ora avante se poderia dispor.

E. P.



Recebemos e agradecemos:

Le Monde Moderne — revue mensuelle illustrée  
Éditeur: A. Quantin — Rue Saint Benoit, n.º 5 — Paris.

Esta graciosa revista franceza tem merecido extraordinaria acceitação. O seu frontespicio teve as honras de ser copiado para uma das nossas illustrações baratas mais em evidencia, prova de que é artistico e original.

Os numeros presentes referem-se a abril e maio do corrente anno, sendo do ultimo numero o seguinte sumario

Jeanne et Marie, por Jean Re brach. — Le Musée du Louvre, por Henry de Chennevières. — Un

*Cyclone dans la mer des Indes*, por M. Dibos. — *Le Potager du Roi et l'école nationale d'horticulture de Versailles*, por Charles Deloncle. — *Le Marché aux chiens à Paris*, por Gustave Coquiot. — *La Jacobella Wickerslooti*, por d'Agiout. — *Stockholm*, por Maurice Gandolphe. — *La Bodinière*, por Mario Bertaux. — *L'Exposition de 1900: trois ans avant*, por C. de Néronde. — *Événements géographiques et coloniaux*, por Gaston Rouvier. — *Le Mouvement littéraire*, por Léo Claretie. — *Chronique théâtrale*, por Maurice Lefèvre. — *Causerie scientifique*, por G. Mareschal.

Deveras interessante, como se pôde suppor, dada a variedade do presente summario.

**Cambiantes** — poesias de Ramos-Coelho. 1897. — Typographia Castro Irmão — Lisboa.

N'uma edição apurada, magnifico papel, boa letra e cuidada impressão, sahiu a lume o presente livro de versos do nosso querido e venerando col-laborador sr. Ramos Coelho.

Este volume é o segundo dos tres que constituem a obra poetica do illustre poeta. No final do prologo, diz-nos o auctor:

«E' ainda das poesias intimas que a este volume, como da sua parte principal, advem o titulo; o mesmo aconteceu ao primeiro; a um puz o nome de *Lampejos*, porque o são elles da aurora e do rapido sol da minha curta felicidade; ao outro chamo *Cambiantes*, porque n'ellas reproduzo a passagem d'essa

## 7.<sup>a</sup> Exposição do «Gremio Artistico»



OLAIA EM FLOR — Quadro do sr. Carlos Reis



COQUETISMO — Aguarella do sr. Roque Gameiro

felicidade para a desventura e da luz para a sombra.»

Quem lê o encantador livro, ha de sentir com o poeta as suas dores, as suas rapidas alegrias. O leitor sincero tem tudo a ganhar na leitura das suas composições de Ramos Coelho.

Não destacaremos por agora, senão uma poesia das mais sentidas (xlv e xlix) que veem nas *Cambiantes*, a ultima intitulada:

### ULTIMO LAÇO

Para que vivo eu, se ella não vive,  
Se da minha existencia a melhor parte  
Com ella se acabou? Tantos ditosos  
Folgam por esse mundo; e eu soffro; eu gemo!  
Não ha consolação para minha alma.  
Nem um raio de luz que entre no abysmo  
Onde cahida jaz. Feliz como elles,  
Mais ainda de certo eu fui outrora.

(Que não existe amor qual era o nosso);  
Fui; não sou; existi; já não existo.  
O que se vê de mim é o resto apenas  
De um ente que morreu; sob este peito,  
Além de um coração que é todo sangue,  
Ha uma ausencia de vida, um vacuo immenso  
Um martyrio sem fim que não s'exprimem.

Assim, no auge da afflicção, minha alma  
Se desespera e clama; e horrendo tedio  
Me invade, me aniquila; o mundo todo  
Aborreço; aborreço o proprio dia,  
O sentir, o viver; só quero a morte.

Mas de repente lembra-me meu filho,  
O meu pobre innocente, unico fructo  
Do nosso breve amor; e vejo-o olhar-me.  
Sorrir para mim co' aquelles olhos,  
Tão meigos, tão rasgados, tão formosos  
Como os de sua mãe; e julgo ouvil-a  
Que invisivel me diz: por elle vive!

Admiravel o condão do artista que nos identifica com o seu sentimento. N'elle achamos expresso o nosso sentir, como nunca o saberiamos fazer. Quanta consolação estes versos não derramam n'um coração attribulado por igual dôr. Aos desgraçados, só outros infelizes sabem dispensar palavras de consolo. Abençoado o poeta que nos traduz o soffrimento, ou em cuja dôr quem soffre vê como n'um espelho o seu soffrer.

Mas se por sympathia de nosso dolorido coração especialisamos esta formosa poesia, mais tarde pagaremos o justo tributo de apreço a muitas outras, publicando-as aqui no OCCIDENTE, levando o conhecimento de tão canoros versos a logares onde o livro talvez não chegue.

Completam este volume umas interessantissimas notas, acerca das composições n'elle inser-tas, e das relações do auctor com alguns poetas extinctos.

Ao nosso querido e erudito collaborador agradecemos, pois, muito a offerta das *Cambiantes*.

### A PECCADORA

POR E. P. ESCRICH

VERSÃO DE ESTEVES PEREIRA

Um lindo romance de costumes,  
cujo nome do auctor, Escrich, é garantia do interesse  
e dramatico da acção d'este romance

6 volumes illustrados com gravuras 35000 réis

Pedidos á Empresa do Occidente

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

LIVROS PARA RIR

### O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

### Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez.

Desde já se recebem encomendas na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39